



**A INFLUÊNCIA DA AUTOESTIMA NA MINIMIZAÇÃO DAS
DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DA MATEMÁTICA NO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Ana Alice Nogueira do Nascimento¹

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar a importância da autoestima no desenvolvimento sócio-afetivo e cognitivo na minimização das dificuldades de aprendizagem da Matemática de alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental. Especificamente procurou-se saber a influência dos aspectos afetivos no desempenho escolar em matemática desses alunos. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, que permitiu inferir que a maioria das escolas desconsidera a relevância do conteúdo sócio-afetivo dos alunos como recurso motivacional indispensável para a construção do conhecimento significativo, cujas consequências em desprezá-lo tem se evidenciado no número crescente de fracasso escolar. As crianças possuem cada vez mais condicionamentos sociais que influenciam o seu tipo de aprendizagem e podem, por vezes, causar desequilíbrios emocionais que geram crianças desadaptadas, incapazes de comunicar normalmente e geram problemas de integração escolar. Os professores precisam auxiliar os alunos a ultrapassarem as suas dificuldades emocionais. É indiscutível a relação criada entre a educação e a autoestima, sendo essa um componente primordial que precisará fazer parte de qualquer processo de educação.

PALAVRAS-CHAVE: Autoestima, Dificuldades de Aprendizagem, Matemática.

ABSTRACT

This article aims to analyze the importance of self-esteem in the socio-affective and cognitive development in minimizing the difficulties of learning Mathematics of students in the initial grades of Elementary School. Specifically we sought to know the influence of the affective aspects in the academic performance in mathematics of these students. For this, a bibliographical research was carried out, which allowed to infer that most of the schools disregard the relevance of the students' socio-affective content as an indispensable motivational resource for the construction of meaningful knowledge, whose consequences in disregarding it have been evidenced in the growing number of school failure. Children increasingly have social conditions that influence their type of learning and can sometimes cause emotional imbalances that generate children who are maladaptive, unable to communicate normally and generate problems of school integration. Teachers need to help students overcome their emotional difficulties. The

¹ Pós-Graduanda em Docência do Ensino Superior pelo IEDEP EDUCACIONAL. Pós-Graduada em Matemática na modalidade aberta e a distância pela Universidade Federal de São João Del-Rei/UFSJ e Sistema Universidade Aberta do Brasil/UAB. Licenciada em Matemática na Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho - UNESP. Professora da Rede Municipal e Privada no Ensino Fundamental II, Médio e EJA. E-mail: ana_alicenascimento@yahoo.com.br

relationship created between education and self-esteem is undeniable, a key component that must be part of any education process.

Keywords: Self-esteem, Learning difficulties, Mathematics.

INTRODUÇÃO

A competência matemática é primordial a todos os indivíduos na interpretação de uma grande variedade de situações e na resolução de inúmeros tipos de problemas encontrados no cotidiano. Isso acarreta no fato de que todas as crianças e jovens precisam desenvolver a sua capacidade de fazer uso da matemática para examinar e solucionar situações problemáticas, para refletir e comunicar, do mesmo modo que desenvolver a autoconfiança suficiente para realizá-lo. Dificilmente há aprendizagem sem que esta esteja integrada em afetos. A parte emocional é definitiva na área da aprendizagem, visto que influencia a motivação e a personalidade do indivíduo.

Segundo Sintra (2019), a Autoconfiança cresce com a Autoestima da criança, que vai sendo construída ao longo da vida e que vai sendo afetada pelo desenvolvimento e edificada tendo por base as informações provenientes da família, escola e sociedade em geral. É extremamente importante perceber o papel dos educadores nessa área da educação, pois, exercerá influência direta na forma como a criança se percebe, como realiza as aprendizagens e a sua visão do mundo em geral.

Assim, as crianças não sofrem apenas influências dos pais, mas também dos professores e do sistema de ensino. E isso se repercute no rendimento escolar. Afinal qual o problema das crianças com a matemática? Como compreender melhor os processos de aprendizagem? As respostas resultaram de várias investigações e parecem remeter ao autoconceito infantil e rendimento na matemática (CASTRO, 2019).

Mas, o que é o autoconceito? De acordo com Castro (2019, p. 4), são diferentes dinâmicas de pensar o “eu” e se refere ao aspecto cognitivo. Existe ainda a autoimagem, que diz respeito ao campo do perceptivo, e a autoestima, que pertence ao campo afetivo. “Se não te vês a ti mesmo, é claro que não te podes valorizar”, esclarece o autor relacionando a autoestima com o autoconceito. Afirma ainda que o autoconceito não é natural, inato, é aprendido. “É modelado e remodelado através de experiências (...), sobretudo em relação com pessoas significativas para a criança” (p. 4).

Castro defende que é preciso manter a flexibilidade no autoconceito da criança. Os extremos podem ser prejudiciais, tanto o da “mãe-galinha”, que é super protetora, como o estilo do ‘deixa fazer’, resultando em adolescentes violentos.

O autoconceito é muito relevante e traz repercussões no desenvolvimento intelectual da criança e na aprendizagem da matemática. Castro relaciona-o com o rendimento escolar, afirmando o autoconceito sofre influências, por exemplo, durante a educação primária.

De acordo com Fiorentini e Miorim (1996), são diversas e notórias as dificuldades que alunos e professores encontram no processo ensino-aprendizagem da matemática. De um lado, está o aluno, que não consegue entender a matemática ensinada na escola. Por várias vezes, ele é reprovado nesta matéria, ou mesmo que seja aprovado, sente dificuldades em usar o conhecimento obtido. De outro lado, há o professor, ciente de que não consegue obter resultados satisfatórios com seus alunos e com dificuldades de, por si só, refletir de modo satisfatório seu fazer pedagógico, busca novos elementos que, em muitas vezes, são apenas simples receitas de como ensinar certos conteúdos, acreditando que consigam melhorar esse quadro.

É nesse sentido que surgiu o tema para este trabalho, que não tem a pretensão de adequação de métodos, mas sim contribuir para a reflexão sobre a importância da autoestima no desenvolvimento sócio afetivo e cognitivo na minimização das dificuldades de aprendizagem da Matemática de alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental.

O ser humano é provido de desejos, vontades e sentimentos próprios que se iniciam já com o seu nascimento. No decorrer da infância, acontece o processo de desenvolvimento sócio afetivo da criança, no qual são de grande importância as interações que oferecem aprendizado afetivo. Nesse desenvolvimento, tanto a família quanto os professores desempenham uma importante função, visto que são eles, por serem mais experientes, que organizam o processo de aprendizagem.

Diante do exposto, o presente trabalho examina a importância dos aspectos sócio afetivos para o desenvolvimento da criança e para o processo de ensino-aprendizagem, enfocando a importância da autoestima como recurso motivacional para a aprendizagem e para a relação professor-aluno, especialmente com relação ao domínio da Matemática.

1. ENTENDENDO A AUTOESTIMA

Nos dias de hoje, cada vez mais são exigidos indivíduos e profissionais preparados para lidar com os desafios da vida. Na era da globalização, as mudanças são cada vez mais aceleradas e as descobertas no campo da tecnologia e da ciência acontecem continuamente, gerando um nível de competição maior.

As consequências disso afetam diretamente as áreas da educação e formação, visto que a sociedade passou a exigir pessoas mais preparadas e qualificadas para o trabalho; fato que as gerações anteriores não enfrentaram com tanta intensidade.

Baseando-se nas reflexões de Branden (2001), ao fazer uma retrospectiva histórica observa-se que, no princípio, o ser humano vivia como nômade e para sobreviver dependia da caça e da pesca em determinado local, no qual permanecia enquanto existissem alimentos disponíveis. A preocupação essencial era obter o alimento para sua sobrevivência, não se preocupando com o futuro.

De acordo com Branden, há algum tempo, o trabalho representava uma atividade física e não mental. Da mesma forma que a educação e a inteligência eram consideradas como um luxo fora da dura realidade da vida e das necessidades de sobrevivência.

Ainda conforme o autor acima, a noção sobre auto realização, auto expressão e autodesenvolvimento faz sentido somente na atual cultura ocidental, entretanto, para o ser humano do período pré-industrial, são praticamente incompreensíveis. Naquela época, não existia espaço para o indivíduo autônomo, não se exigia dele características referentes à capacidade de comunicação, criatividade, espírito empresarial e competência interpessoal, visto que, tais características não significavam uma vantagem econômica, com exceção para os poucos interessados, mas sim, um perigo de vida.

No período pré-industrial não existiam muitas alternativas de trabalho. As próprias condições já obrigavam os homens a se tornarem camponeses, cavaleiros ou artesãos; já as mulheres, somente esposas de algum deles. Eles acreditavam que o destino de suas vidas tinha uma “ordem natural” e que Deus o conduzia (MOYSÉS, 2007).

Conforme Moysés (2007), tratava-se de um mundo no qual características como individualidade, responsabilidade e autoconfiança não tinham valor. A inteligência, a criatividade e a inovação não tinham importância, pois, não eram ferramentas para a busca da sobrevivência. Portanto, não se desenvolvia nem se valorizava a autoestima, tendo a obediência e a resignação como características sempre presentes na vida dos indivíduos.

Segundo Branden (2001), a noção do ser humano como autônomo e capaz de enfrentar as consequências de sua própria existência nasceu com eventos históricos como: o Renascimento, no século XV; a Reforma, no século XVI; o Iluminismo, no século XVIII e suas duas consequências: a Revolução Industrial e o Capitalismo.

De acordo com Moysés (2007), o advento da Revolução Industrial agregou as máquinas ao processo de produção, revelando a expressão da inteligência do ser humano com o intuito de aprimorar as condições da existência material. Assim, o trabalho passa por uma profunda mudança. Aos poucos, o capitalismo se institui como um sistema dominante, que tem como principal característica a transformação dos bens, serviços e força de trabalho em mercadoria. O propósito é o lucro dos proprietários dos meios de produção. Dessa forma, o trabalho passa a ser realizado conforme os salários e os modos de produção e distribuição da iniciativa privada.

A partir daí passa a ser registrada a relação entre produção, lucros, venda da força de trabalho e instrumentos de produção - equipamentos e máquinas. Por meio do fortalecimento do capitalismo há um investimento na inovação e na criação de novos equipamentos e máquinas que asseguram a reprodução do capital. Estabelece-se a discussão a respeito da criação e inovação e, em consequência, o debate acerca da autoestima de modo muito principiante passa a constar na economia (MOYSÉS, 2007).

Nesse período, a questão que passou a conduzir a vida das pessoas foi: “o que você fez de si mesmo?”, significando uma mudança de cultura na sociedade que, em épocas passadas, julgava que o nascimento definia o futuro do indivíduo.

Assim sendo, a identidade dos indivíduos deixa de ser uma questão de destino e herança para ser algo em que cada um possui a responsabilidade em relação a si mesmo, fazendo que a mente seja a ferramenta principal de sobrevivência e a autoestima tenha um papel primordial no processo de desenvolvimento da pessoa.

Atualmente, o conceito de autoestima reúne outras características:

autoestima é a capacidade que uma pessoa tem de confiar em si própria, é a sensação de competência para lidar com os desafios básicos da vida e de ser merecidamente feliz. É acreditar na capacidade própria de pensar, aprender, tomar decisões adequadas e reagir de maneira positiva às novas condições. Em outras palavras, significa o indivíduo confiar no seu direito ao sucesso e à realização pessoal – a convicção de que tem condições para ser feliz. (MOYSÉS, 2007, p. 18)

Voli (2002, p. 53) acrescenta que a “autoestima é o compromisso do indivíduo em assumir a responsabilidade por si mesmo e por suas relações intra e interpessoais”.

Já Branden (2003, p. 15) alega que autoconceito é o modo como a pessoa se percebe, é quem e o que consciente e inconscientemente ela acredita que é - suas características físicas e psicológicas, seus pontos positivos e negativos. Nesse sentido, a autoestima é definida como o modo como pessoa percebe o seu próprio valor. É o elemento avaliador do autoconceito.

Assim sendo, de acordo com as percepções dos autores mencionados, entende-se que a autoestima é o conceito que o sujeito possui da sua importância pessoal como ser humano, é um sentimento bastante íntimo que representa o significado que o indivíduo dá a si mesmo.

3 A AUTOESTIMA E A EDUCAÇÃO

Há gerações a prática educativa escolar e familiar é baseada em atitudes emocionais negativas como a permissividade e o autoritarismo. Segundo Voli (2002), a sociedade brasileira atual é proveniente de uma educação passiva moldada por pedagogias liberais, tendo como mais influentes as tendências Tradicional e Renovada.

Consoante Moysés (2007), a Pedagogia Tradicional surgiu no século XVI, mas tem sobrevivido ao tempo, mantendo influências até hoje, mesmo com a chegada de tendências mais modernas baseadas em pesquisas e estudos da Sociologia, Psicologia e da Educação. É caracterizada por entender a educação como um sistema no qual o professor controla o aluno, que não tinha direito de expressar o que sentia, qualquer manifestação oposta era motivo para o aluno receber punição. Essas punições vinham desde beliscões, reguadas na cabeça, joelhos em cima de milho, até palmatórias; e o pior é que os alunos não podiam reclamar para os pais, porque eles viam o professor como uma pessoa muito importante, e davam poder absoluto na educação dos filhos. Quando chegava ao seu conhecimento que o professor havia castigado o filho, o pai ou a mãe batia no filho, alegando que ele estava desrespeitando o professor.

Partindo desse pressuposto, é preciso reconhecer que, na Pedagogia Tradicional, o ensino se dava em um regime autoritário, no qual o desenvolvimento intelectual do aluno ficava retido, pois, só o professor era o dono do saber. A educação mantinha um ensino robotizado, no qual o professor parecia estar com um controle remoto, controlando sempre o aluno para que não saísse de sua direção. Os conteúdos eram seguidos de acordo com a programação sem importar se foram interiorizados pelos alunos ou não, o importante era decorar e passar.

Já a Pedagogia Renovada despontou no final do século XIX, em oposição à Pedagogia Tradicional, visto que esta já não estava mais atendendo aos interesses da sociedade da época. Tratava-se de um momento de profundas mudanças políticas, econômicas e culturais. A sociedade estava mudando rapidamente, porém a escola não acompanhava esse ritmo (MOYSÉS, 2007).

Segundo Moysés (2007), a Pedagogia Renovada tinha como característica determinar o aluno ativo como centro do processo de ensino-aprendizagem e não o professor ou o conhecimento, como ocorria na Pedagogia Tradicional.

A Educação da Pedagogia Renovada tinha como objetivo reformar os métodos de ensino com a atenção voltada para o aluno, de modo que a sua aprendizagem não abrangesse o espaço em que viviam, mas que o aluno tivesse um conhecimento de mundo. Dentro desses princípios, a visão é trabalhar a experiência cotidiana do aluno, dando-lhe liberdade para aprender dentro de um processo em que defrontasse espontaneamente com o mundo partindo de sua vivência, conseguindo produzir e entender a realidade da vida. Assim, a função do professor é orientar, incentivar, organizar as situações de aprendizagem mais adequadas às características individuais dos alunos, com o objetivo de desenvolver suas capacidades e habilidades intelectuais (BRANDEN, 2003).

Diante disso, fica comprovado que a educação não é imune às mudanças e processos sociais. A escola influencia e é influenciada por inúmeras práticas sociais e mediante a contribuição dos diversos sujeitos e grupos sociais. Ainda que em importância e medidas diferentes, os indivíduos da sociedade atual foram crianças que cresceram em um ambiente, ora repressivo e autoritário, ora bastante permissivo, levando-os a se tornarem carentes de segurança e de autoconceito.

Segundo Oliveira (2009), vários autores descrevem a autoimagem como a chave do comportamento humano e da personalidade. Para Moysés (2007), ela é um elemento descritivo que acompanha um outro avaliativo chamado de autoestima. Estes dois elementos juntos formam o que se chama de autoconceito.

De acordo com Winnicott (1997), o autoconceito representa a identidade do indivíduo, que é uma conquista do amadurecimento emocional, mas que se faz presente em cada estágio do amadurecimento, dando qualidade à interação entre a pessoa e o ambiente até que se transforme numa identidade unitária, provida de uma realidade interna psíquica determinada, de conflitos instintuais e de um sentido pessoal.

Ao analisar a autoestima dos alunos, Voli (2002) afirma:

A maior parte das crianças que chegam à escola, provenientes desse tipo de meio familiar, sob o ponto de vista de sua formação pessoal apresentam baixa autoestima. Na escola, por sua própria estrutura, e não havendo uma ação pessoal dos professores para modificar a situação de condicionamento iniciada na família, as dificuldades psíquicas das crianças tenderão a reforçar-se ao invés de se realizar (p.24).

Conforme Voli (2002), com base nos pressupostos das Pedagogias Tradicional e Renovada, as relações interpessoais determinadas na família e na escola levam a situações que prejudicam a autoestima. Algumas delas se fazem mais presentes no dia-a-dia da escola:

- a falta de atenção e de afeto dos pais e professores;
- ações e sentimentos como a vergonha e a culpa gerada pelos já conhecidos castigos;
- a tendência em oferecer tudo pronto, desconsiderando a capacidade de agir e refletir da criança;
- valorizar o erro como algo que foi mal feito.

Todas essas situações prejudicam a constituição de uma autoestima saudável e, portanto, levam à formação de indivíduos com atitudes e aptidões restritivas e insuficientes, carentes de criatividade, espontaneidade, originalidade e imaginação.

É sabido que a literatura mostra a importância da relação professor-aluno na formação da personalidade e do caráter da criança e, conseqüentemente, do adulto. Na visão de Voli (2002, p. 10), “o professor, normalmente, projeta em seus alunos sua personalidade (...). A personalidade do professor projeta-se na criança e intervém em sua formação para a vida”.

Entretanto, pais e professores também foram educados pelos princípios dessas pedagogias, que na opinião de Voli são consideradas nocivas ou perniciosas. Dessa forma, há um cenário de conformismo, ressaltado de geração a geração, visto que a sociedade continuou incapaz de quebrar paradigmas educacionais que impedem o indivíduo de conhecer e explorar de modo mais efetivo suas capacidades afetivas e emocionais.

Atualmente, em várias localidades do Brasil, tem-se realizado algumas experiências baseadas na autoestima e no autoconceito de alunos em idade escolar. Os resultados

fortalecem as constatações de pesquisas internacionais que evidenciam a existência da forte relação entre desempenho acadêmico e autoestima.

O desempenho escolar e a autoestima são fatores interdependentes e indissociáveis, que exercem uma influência mútua. Caso a criança chegue à escola trazendo uma autoconfiança positiva, ela enxergará essa nova situação como um desafio. Porém, caso ela chegue com níveis baixos de autoestima, tendo dúvidas a respeito de suas próprias competências, a escola representará um espaço de sofrimento, elevando suas chances de ter dificuldades de aprendizagem (CASTRO, 2019).

Analisando-se o processo educacional de algumas décadas passadas e ainda, infelizmente, dos dias de hoje, é possível compreender a razão de existirem estatísticas tão angustiantes dos níveis de repetência, evasão e resultados de avaliações de aprendizagens no país. Tanto na rede privada de ensino quanto na rede pública pode-se observar a discordância existente entre a realidade dos alunos e o modo como a escola os recebe, indicando situações de violência simbólica. A realidade e a cultura dos alunos são ignoradas, existem relações autoritárias e práticas pedagógicas fragmentadas.

Em decorrência dessas práticas limitadoras da espontaneidade, criatividade e motivação do indivíduo, surgem consequências traumáticas; que continuam se manifestando posteriormente nos adultos, que enfrentarão o mercado de trabalho, o qual vem se modificando ao longo do tempo muito rapidamente, auxiliando a formação de um ambiente elevadamente competitivo no qual vigora a lei “que vença o melhor”. Existe uma preocupação constante em procurar mais conhecimentos ou desenvolver novas habilidades para que o indivíduo se sinta capaz de acompanhar esse ritmo de mudanças e não seja excluído (CASTRO, 2019).

Porém, quando procuram os processos de capacitação, os adultos se deparam com uma carga deficiente de autoestima, em virtude do seu histórico educacional. Além disso, ainda se faz uso da capacitação como uma mera ferramenta de transmissão de informações, sem contextualizar o estado emocional do indivíduo, suas aspirações e percepções a respeito de si mesmo. Possivelmente, isso poderá influenciar de modo negativo os resultados do investimento, pois, uma prática pedagógica que ignora a realidade, a produção do saber e os interesses dos alunos não causam alteração no comportamento (SINTRA, 2019).

No final deste capítulo, é ressaltado que a discussão a respeito da autoestima é um desafio a ser enfrentado por todos. Para tanto, um longo caminho precisa ser percorrido.

Trata-se de algo que deve ser assumido coletivamente por pais, educadores e estudantes que almejam uma educação voltada às necessidades sociais da população.

2 A MATEMÁTICA E AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Segundo o *National Joint Committee on Learning Disabilities –NJCLD2* (apud SACRAMENTO, 2008), Dificuldade de aprendizagem é uma expressão genérica que se refere a um conjunto de desordens apresentadas por problemas expressivos na aquisição e utilização das capacidades de escuta, fala, leitura, escrita, raciocínio ou matemáticas.

Raramente, as DA têm uma causa única. Supõe-se que possuem base biológica (Lesão cerebral, hereditariedade, desequilíbrios químicos, alterações no desenvolvimento cerebral). Porém, é o ambiente família, escola, comunidade, que define a gravidade do abalo da dificuldade (SMITH & STRICK, 2001).

Diversos autores, como Alicia Fernández, Sara Paín, Maria Lucia Weiss, apontam para o fato de que a maioria das crianças com fracasso escolar que são orientadas a consultórios e clínicas, situam-se na esfera do problema de aprendizagem reativo, gerado e incentivado pelo próprio ambiente escolar.

Para Smith e Strick (2001), as DA de Matemática que são mencionadas em todos os níveis de ensino não são novas. Já faz muito tempo que a Matemática ocupa o lugar de disciplina mais difícil e detestada, o que faz com que seja difícil sua assimilação pelos alunos. Assim sendo, antes de discutir sobre DA em Matemática é preciso averiguar se o problema não está no currículo ou na metodologia usada.

Diversos estudos na área buscam mostrar soluções para tentar reverter os problemas referentes à disciplina de Matemática. Sabe-se que os problemas existem, mas, não é fácil mudar essa situação. Dentre as diversas disciplinas escolares, a Matemática é a que mais traz terror aos alunos, gerando reprovações e atrapalhando o seu rendimento.

Trata-se de uma disciplina muito importante, visto que além dos seus conhecimentos práticos e instrumentais, a ela são associados aspectos do progresso intelectual, estimados na escola, como raciocínio, lógica, objetividade. A Matemática também tem exercido um papel social de instrumento de seleção, que é usada para decidir os melhores classificados em concursos e vestibulares (SACRAMENTO, 2008).

Diversas pesquisas e a própria experiência em sala de aula, apontam que grande parte dos educandos possui algum tipo de dificuldade na aprendizagem da Matemática,

causando, por consequência, ansiedade, frustração e resistência na aquisição de saberes dessa disciplina.

De acordo com Araújo (2019), por um longo período, o ensino da Matemática baseou-se em atividades apoiadas na repetição, memorização de fórmulas e tabuadas. O aluno só precisava receber a informação e colocar no papel, depois memorizá-la e repeti-la quando fosse necessário. Assim sendo, o educando passou a treinar para que pudesse conseguir sucesso nas avaliações.

Por meio de pesquisas, a Educação Matemática tem buscado responder às questões que surgem no tocante ao ensino-aprendizagem desta disciplina, tendo por objetivo a compreensão do seu uso, para que seja possível desfrutar das vantagens que ela nos oferece.

Em pesquisa realizada por Araújo (2019), foi verificado que são diversos os fatores que podem influenciar a aprendizagem dos educandos. A Matemática é considerada como excessivamente difícil e existe um histórico de aversão a ela.

Na pesquisa, também se verificou que os problemas que causam o fracasso escolar estão ligados à **baixa autoestima dos educandos**, às dificuldades em assimilar os conteúdos matemáticos ensinados, ao modo de ensiná-los, à ausência de pré-requisitos essenciais, à realidade social, cultural e econômica e à faixa etária dos educandos.

Assim sendo, o fracasso escolar é um assunto bastante controverso que abrange muitos fatores. No geral, as variáveis podem ser classificadas em três grupos: família, escola e o próprio educando. Como por exemplo: dificuldades familiares, sociais e econômicas, mudanças de residência; classes numerosas, aulas que não fornecem atendimento especial para os educandos reprovados, muitos conteúdos e ausência de pré-requisitos de séries anteriores; desmotivação, indisciplina, perspectiva de reprovação, dificuldades em aprendizagem, desinteresse, carências afetivas, autoestima comprometida (ARAÚJO, 2019).

Para Araújo (2019), ao se deparar com a baixa autoestima nos alunos, é preciso buscar auxílio de profissionais, como psicopedagogos, psicólogos, além de promover palestras orientadas para solucionar esse problema.

De acordo com Sampaio (2019), o aluno deve ter um atendimento individualizado por parte do professor, que precisa evitar:

- Salientar as dificuldades do aluno, diferenciando-o dos demais;

- Demonstrar impaciência diante da dificuldade apresentada pelo aluno ou interrompê-lo várias vezes ou mesmo tentar adivinhar o que ele está querendo dizer completando sua fala;
- Corrigir o aluno frequentemente na frente da turma, para não o expor;
- Ignorar a criança em sua dificuldade.

A autora ainda dá algumas dicas para o professor:

- Não force o educando a fazer as lições quando estiver nervoso por não ter conseguido;
- Explique a ele suas dificuldades e diga que está ali para ajudá-lo sempre que precisar;
- Proponha jogos na sala;
- Não corrija as lições com canetas vermelhas ou lápis;
- Procure usar situações concretas, nos problemas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, pode-se concluir que a autoestima é um conjunto de fatores formadores da autoimagem, do conceito que se cria de si mesmo, da importância que é dada a si e de posição na relação com o meio. É o modo como um indivíduo percebe sua situação quando interage com alguém ou diante de um grupo. É mais que somente "gostar-se", é sentir que é capaz de realizar seus desejos e tarefas; é lutar por suas opiniões com a certeza de que é importante no contexto no qual está inserido, é incluir-se, dar a si mesmo voz e vez.

Além do mais, a autoestima é fundamental no desenvolvimento de um processo de aprendizagem sadio, vivo e efetivo, pois, leva a pessoa a acreditar em si, em sentir seu valor e sua capacidade de mudança.

É possível afirmar ainda que, atualmente, a autoestima é o fator diferencial na aquisição de novos conhecimentos. Tanto para alunos, quanto para professores. Os alunos criticados ou pouco elogiados por suas famílias tendem a se interessar menos pelos assuntos da escola, não somente nos temas da família. Na escola, são propensos a se identificar com os alunos que apresentam problemas de comportamento e de disciplina.

Estudam menos e pouco participam da aula. Para o educador, pais e orientadores, parece que ser um caso de desinteresse e de desleixo consigo mesmo.

O incentivo e o elogio não motivam nem fazem mágica; somente garantem condições de a pessoa se sentir capaz, sentir-se um ser nas mesmas condições e direitos que os outros; o elogio encoraja, empolga, inclui. Também é importante lembrar que as políticas educacionais falidas do Brasil destruíram a autoestima do educador.

Da mesma forma que alguém com a autoestima rebaixada não liga se é esquecido ou se é passado para trás, anda desleixado com roupas e asseio corporal, o educador com autoestima rebaixada também não se importa mais de entrar em salas de aula caindo aos pedaços... Tudo parece normal: salários baixos e atrasados, aumentos insignificantes e até ofensivos, politicagem na escola... Tudo fica aceitável para quem esquece de si mesmo: cair de nível social, notar a desconfiança do vendedor no momento de pedir crediário nas lojas...

É relevante que o educador tenha consciência de sua importância na vida de seus educandos e a influência que desempenha até mesmo nos aspectos relacionados à constituição do caráter e da personalidade do indivíduo. Para tanto, é preciso que o educador se sinta realizado e com uma autoestima elevada, para que possa colaborar e influenciar na formação dos educandos, não oferecendo obstáculos às diferenças que são particulares a cada indivíduo.

Conforme nos diz Cury (2003, p. 34), “ser educador é ser promotor de autoestima”. E mais, o “elogio alivia as feridas da alma, educa a emoção e a autoestima”. Elogiar é encorajar e realçar as características positivas.

Trata-se de um grande desafio identificar, diagnosticar e fazer as intervenções necessárias para que a aprendizagem do aluno ocorra de forma satisfatória, para sua vida acadêmica e para sua autoestima. É preciso estar atento para não rotular, condenando um aluno para o resto de sua vida.

O tema “dificuldades de aprendizagem” ainda é pouco explorado nas escolas. Um diagnóstico errado conduz a encaminhamento para tratamentos não necessários e à exclusão, tirando do aluno a oportunidade de superar suas dificuldades. É necessário trazer o tema para dentro da escola - não como assunto do momento, mas numa discussão permanente -, refletindo sobre as diversas dimensões da vida do aluno, como mais uma ferramenta para seu desenvolvimento integral, pois, as dificuldades de aprendizagem não têm apenas um fator como causa.

No caso da Matemática, levando em conta que o aprendizado das habilidades matemáticas está amplamente relacionada com diversas outras áreas do conhecimento, foi possível perceber, ao finalizar este trabalho, que os educadores precisam estimular, desde cedo, a memória, as habilidades motoras, linguísticas e de percepção auditiva e tátil, visto que assim, irá trabalhar todos os aspectos essenciais para que o aluno não apresente dificuldades com relação ao número. Além disso, é extremamente importante que os docentes se mantenham sempre estudando e pesquisando a respeito dos problemas, tanto cognitivos, como afetivos e sociais, enfrentados por seus alunos, com o intuito de ajudá-los da melhor forma na solução deles.

Como não se pode negar que os aspectos afetivos e cognitivos da personalidade não constituem universos opostos, não existe nada que justifique continuar com a ideia de que existem saberes basicamente ou prioritariamente ligados à racionalidade ou à sensibilidade. Assim sendo, a indissociação entre pensar e sentir força a integrar nas explicações a respeito do raciocínio humano as vertentes racional e emotiva dos conceitos e fatos construídos. Parte-se da premissa de que no trabalho educativo cotidiano não há uma aprendizagem simplesmente cognitiva ou racional, visto que os alunos não deixam os aspectos afetivos que constituem sua personalidade do lado de fora da sala de aula, ou não deixam "ocultos" seus sentimentos, afetos e relações interpessoais como seres pensantes que são.

Depois disso posto, pode-se concluir que é possível envolver os alunos emocionalmente na aprendizagem da Matemática por meio de práticas mais apelativas e eficazes que, conseqüentemente, trarão mudanças às suas concepções sobre a Matemática.

Trabalhar sentimentos e pensamentos exige dos profissionais da educação ter disposição para se aventurar por novas áreas do conhecimento e da ciência para darem conta, pelo menos, de realizar as articulações que a temática requer. Eis uma nova e difícil empreitada, que requer coragem para enfrentar o desafio posto: buscar novas teorias e abrir mão de verdades há muito estabelecidas nas mentes. Desafio salutar para o avanço da educação. Além do que, recusar esse trabalho irá colaborar para a consolidação do "analfabetismo emocional" na sociedade atual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, I. C. **A disciplina de Matemática e o fracasso escolar na 5ª série do Ensino Fundamental de uma escola da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande/MS.** Disponível em: <http://www.sbem.com.br/files/ix_enem>. Acesso em: 02 nov. 2019.
- BRANDEN, N. **Autoestima: como aprender a gostar de si mesmo.** 40ª ed. São Paulo: Saraiva, 2003.
- _____. **Autoestima no trabalho.** Rio de Janeiro: Campos, 2001.
- CASTRO, J. Variáveis emocionais e aprendizagem de matemática – 1+1 = Problemas matemático ou emocional? **Conferência de matemática.** Disponível em: <http://www.urbi.ubi.pt/060530/edicao/330ubi_mat.htm>. Acesso em: 05 nov. 2019.
- CURY, A. J. **Treinando a emoção para ser feliz.** São Paulo: Academia de inteligência, 2003.
- FIORENTINI, D.; MIORIM, M. A. Uma reflexão sobre o uso de materiais concretos e jogos no Ensino da Matemática. **Boletim da Sociedade Brasileira de Educação Matemática**, nº 7. São Paulo: SBEM –SP, 1996.
- MOYSES, L. **Autoestima se constrói passo a passo.** 5ª ed. Campinas: Parios, 2007.
- OLIVEIRA, I. B. de. **O futuro chegou: Reflexões sobre o cotidiano.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Reproarte Gráfica, 2009.
- SACRAMENTO, I. Dificuldades de Aprendizagem em Matemática – Discalculia. **I Simpósio Internacional do Ensino da Matemática** – Salvador-BA, 19 de setembro, 2008.
- SAMPAIO, S. **Distúrbios e Transtornos.** Disponível em: <<http://www.psicopedagogiabrasil.com.br/disturbios.htm>>. Acesso em: 05 nov. 2019.
- SINTRA, T. **A autoestima e a aprendizagem da Matemática.** Disponível em: <<http://cne.fct.unl.pt/mod/resource/view.php?id=4891>>. Acesso em: 02 nov. 2019.
- SMITH, C.; STRICK, L. **Dificuldades de aprendizagem de A a Z.** Um guia completo para pais e educadores. Trad. Dayse Batista. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- VOLI, F. **A autoestima do professor.** 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- WINNICOTT, D. W. **A Família e o Desenvolvimento Individual.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.